

REDATOR PRINCIPAL  
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.<sup>o</sup>  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Telhoba-Lisboa • Telefone 5339 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Ilações dolosas

Usando daquela lealdade que elas é tam característica, as empresas jornalísticas, na ansia de desvirtuarem o movimento dos trabalhadores dos jornais e também no propósito de atraírem para o seu grémio as simpatias dos poderes do Estado e das pessoas ingénias, propalam que o decorrente movimento tem por primário objectivo subordinar a imprensa à Confederação Geral do Trabalho, afim de que esta possa exercer, sobre os escritos de todos quantos nos jornais colaboram, o que elas denominam: «censura vermelha».

E' a isto que as empresas jornalísticas, que constituem o bloco, chamam o *fundo da questão*, acrescentando que é sobretudo para defender o princípio da liberdade de expressão de pensamento, que dizem ameaçado por virtude duma pretendida intromissão de quaisquer hostes vermelhas, que elas se uniram contra os seus salários.

Quem tenha lido as reclamações que pelos sindicatos dos Trabalhadores da Imprensa, Compositores Tipográficos e Distribuidores de Jornais foram presentes às empresas, aliás dentro de todas as normas de correção, reclamações patrocinadas pela Federação do Livre e do Jornal, em cujo seio se encontram os mesmos sindicatos — o que justifica a intervenção do último organismo, que é essencialmente conciliador —, quem tenha lido as reclamações, iamos nós dizendo, encontrará ali reivindicações de carácter económico e moral, mas não achará uma sequer que envolva intuições políticas, e só sob o aspecto político podia encarar-se qualquer exigência daquela natureza.

Assim sendo, e dando-se a circunstância de entre os componentes da Associação dos Trabalhadores da Imprensa haver, precisamente em número mais elevado do que nas duas outras associações, indivíduos das mais opostas tendências políticas e filosóficas, como seria possível que todos esses indivíduos se unissem agora para realizar um movimento que tivesse por fim levá-los à sujeição de qualquer espécie de censura?

Porque é então que os industriais do jornalismo pretendem convencer que a razão máxima do actual movimento é o estabelecimento da *censura vermelha*, a despeito de a ninguém ser lícito tirar semelhante ilação em face das duas *folhas impressas* que pela comissão executiva lhes foram presentes?

Em que fundamentam esse parcer, a que chegaram em sua reunião de 31 de Dezembro, segundo eles próprios confessam na declaração que provocou a greve e que a *Batalha* e o *Jornal do Comércio* e das *Colónias* inseriram em 18 do corrente mês?

Dois são os motivos — as empresas o proclamam — que as levaram a apurar tam forçada dedução: 1.º o facto dos supramencionados sindicatos estarem dentro da F. L. J. e, por intermédio desta, na C. G. T.; 2.º a circunstância de esa comissão executiva dos trabalhadores dos jornais estar, como delegado na F. L. J., um redactor de *A Batalha*, órgão da C. G. T.

Não havia em 31 de Dezembro, data em que os representantes das empresas votaram a sua aleiosa declaração, nem há neste momento uma prova on mesmo um indicio de que os reclamantes ou a C. G. T. — que aliás não foi ouvi-

Alexandre VIEIRA

## O vulcão irlandês

### De boas intenções...

LONDRES, 24 — Dirigindo-se à polícia auxiliar de Dublin, o secretário principal Greenwood exprimiu o seu profundo pesar pelo assassinato de alguns dos seus camaradas nos meses passados.

Discursando aos policiais, disse que o governo estava absolutamente privado de auxiliar de Dublin, o secretário principal Greenwood exprimiu o seu profundo pesar pelo assassinato de alguns dos seus camaradas nos meses passados.

Referindo-se à velha amísside entre o povo da Grã-Bretanha e da Irlanda, declarou que ninguém na Inglaterra desejava mal ao povo irlandês e que havia o dever de livrar este povo de terrorismos dos assassinatos e das infiltrações. — Rádio.

Mais mortos

DUBLIN, 24 — Nas últimas quarenta e oito horas foram mortos nove civis. Um polícia foi ferido gravemente. Um dos mortos era um ex-soldado de Cork a quem deixaram um papel alfinetado no cadáver, dizendo: Morte por espião. — Rádio.

Tudo isto é muito interessante e

## I ESPANHA NEGRA

### Um apelo da Confederação Nacional do Trabalho aos trabalhadores portugueses

A C. G. T. de Espanha vem de enviar à sua congénere de Portugal o seguinte apelo:

«O proletariado espanhol atravessa uma situação difícil, devido à ligação de todos os poderes constituidos contra nós, que conscientemente lutamos pela liberdade total da classe produtora.

Não queremos fazer um relato minucioso de todas as arbitrariedades cometidas contra a nossa organização.

Basta-vos saber que desde a prisão até

ao assassinato são armas usadas pelo Poder central para tratar de aniquilar-nos.

O flamante governador de Barcelona,

um militar grosso e cruel a quem

não assistiu o crime por estar habituado a ele por deveres profissionais, organizou a polícia para que esta caçasse a tiro os sindicais, em plena rua, como os norte-americanos caçavam os peles-vermelhas em 1850. Nesta tarefa ajudou-o o chefe da polícia, hábil criminoso que já praticou o seu ofício em Cuba e nas Filipinas.

Analisando a primeira, devemos dizer que a C. G. T. é, como foi a extinta União Operária Nacional — onde as duas primeiras associações tiveram representação directa, não a tendo a terceira, porque não existia entidade

organizacional essencialmente livre.

Trata-se dum agrupamento de todos os salários, constituido sob a base federativa autonoma, agrupamento criado para a defesa dos interesses económicos, sociais e profissionais dos

empresários que se metem numa

aventura.

Dividida as empresas, num menor

prazo da dignidade dos seus redatores,

que o pessoal da redacção fôsse capaz

de um acto de revolta e se solidarizasse com os seus companheiros de tipografia.

Daí o arreganho com que, do alto

da sua omnipoténcia grosseira, se recusaram a ouvir as classes que reclamam e a discutir com elas. Enganaram-se as

empresas, apesar de todo o seu talento e fino psicológico.

Perante a união dos trabalhadores

intelectuais e manuais, firmemente dispostos a vencer, as empresas sentem-se

em meu campo, cambaleantes.

No entanto, supondo que a sua de-

sorientação e o seu desanimo se verificam também do lado oposto, as empresas fazem-se fortes. Que essa firmeza é fictícia, não tardará o tempo se demonstrar.

E' que à causa das empresas faltava

tudo. Falta a razão e a justiça, falta a

sinceridade dos seus defensores e falta

sobretudo, a simpatia da opinião pú-

blica.

Um dos que defende a in-

dependência da sua pro-

fissão e deu a sua adesão

às empresas

Em A Imprensa de Lisboa deparou-se-nos a seguinte local:

De «O Diário de Notícias», de 16 de

Maio de 1918:

«...o deputado dr. Meira e Sousa que o

acusou de utilizar-se de bilhetes como reda-

tores de «O País», para pedir entradas nos

teatros, entradas que vendia na rua da

Assunção, 44, po preso A. Sousa Nogueira.

De «O Seculo» da mesma data:

«...o requerimento da sua fórmula de

pedir que andam vendendo bilhetes de

teatro que requisitava com bilhetes de vi-

agem que se dizia redactor do mesmo,

foi preso um indivíduo de nome A. Sousa

Nogueira, que em tempo foi também detido

por estar furto charutos na Tabacaria

Estrela Pol.»

O sr. A. Sousa Nogueira, director

de O Radical e chamado agora para a

redacção de O Tempo, é um dos cole-

gas dos srs. Fernando de Sousa, Nunes

Simões, Augusto de Castro e Manuel

Guimaraes que defende a independen-

cia da sua profissão. Resta saber de qual profissão...»

«O Norte» desnorteou...

O Norte é uma folhinha de couve

que se publica no Porto. Diz-se respe-

itivamente que é de

um homem que é deputado

do Povo. Não há dúvida. O Norte desnorteou.

A burguesia defende-se

A dissolução da C. G. T.

francesa

Os últimos telegramas anunciaram a

dissolução da Confederação Geral do

Trabalho francesa. E' de toda a conve-

nência que o operariado conheça as

razões, se aquilo são razões, que le-

varam o governo francês a cometer esse

acto.

Os resultados da sentença pronunciada

contra os directores da C. G. T., manifestaram:

«Primeiro, que esta reconheceu im-

plicitamente a materialidade dos factos

que lhes apontam. Com efeito, o comité

confederal escreveu num artigo pu-

blicado na Voz do Povo o seguinte: «A

organização operária constitui-se fór-

ma da lei, e assim continuará procedendo».

Segundo, que a C. G. T. que faz

de liberdade sindical um instrumento

de guerra social, empregando para isso

meios inadmissíveis, tais como a parali-

zação da vida nacional.

Terceiro, que o facto de o Estado

ter tardado em requerer a aplicação da

lei não implica nem prescrição nem

anistia, porque nenhum governo in-

terpreta a vontade nacional pode tolerar

assassinatos metódicos sob o pretexto de

combater a revolução.

Quarto, que o chamamento à ordem

era tanto mais necessário por quanto a

C. G. T. manifestou o valor de seus

directores, sendo preciso que, a bem ou

a mal, contivesse dentro da órbita

determinada pela lei, da qual se apartou

para seguir um caminho de estreitas

revoluções.

Quinto, que a C. G. T. demonstrou

pelos serviços prestados durante a

guerra e pelos erros de orientação

cometidos pelos seus directores, que se

comprometeram no perigoso caminho

de uma revolução política incompatível

com as essenciais prerrogativas do Es-

tado.

Mais mortos

DUBLIN, 24 — Nas últimas quarenta

e oito horas foram mortos nove civis.

Um polícia foi ferido gravemente

